

O Mancala na sala de aula: entre ancestralidade, cultura e Matemática

Daiane Oliveira da Silva

Alto Alegre do Maranhão, Maranhão, Brasil

oliveiranana.do16@gmail.com

Mestra em Educação

<https://orcid.org/0009-0008-3243-8388>

O tabuleiro chegou antes da aula começar!

Silencioso, repousava sobre a mesa enquanto os estudantes do 3º ano do Ensino Médio ocupavam lentamente a sala. Alguns observavam de longe; outros aproximavam-se discretamente, tentando compreender aquele objeto de madeira marcado por pequenas cavidades e pedras distribuídas em pares quase perfeitos. Houve quem perguntasse se era um objeto artesanal. Outros imaginaram tratar-se de algum jogo antigo. Ninguém, entretanto, pronunciou imediatamente a palavra “Matemática”.

E talvez aquele tenha sido o instante mais simbólico da experiência.

Durante muito tempo, a matemática escolar acostumou-se a entrar nas salas carregando fórmulas prontas, exercícios repetitivos e respostas únicas. O Mancala, contudo, entrou diferente. Não chegou impondo cálculos, mas despertando curiosidade. Não exigiu silêncio; provocou conversa. Antes de apresentar regras ou estratégias, a aula começou com histórias.

Por meio do projetor, imagens e narrativas atravessaram a sala de aula em Alto Alegre do Maranhão, no Centro de Ensino “José Ribamar Marão”¹. Os estudantes conheceram a origem africana do Mancala, suas diferentes versões espalhadas pelo continente e sua presença histórica em diversas comunidades. Aos poucos, o jogo deixava de ser apenas um passatempo para tornar-se memória cultural, patrimônio ancestral e manifestação de saberes construídos coletivamente ao longo do tempo.

Naquele momento, a matemática começava a deslocar-se do lugar rígido onde frequentemente é colocada.

¹ Nome com uso autorizado pelo gestor da unidade de ensino.



Enquanto apresentávamos as regras do jogo, algo interessante acontecia entre os estudantes: as estratégias surgiam antes mesmo das explicações terminarem. Alguns antecipavam movimentos, calculavam possibilidades mentalmente e observavam padrões sem perceber que mobilizavam conceitos matemáticos complexos. Outros relacionavam o jogo às experiências vividas em suas comunidades, associando a distribuição das sementes às práticas de cultivo, partilha e organização cotidiana.

Ao final do primeiro encontro, uma nova proposta foi lançada: cada dupla deveria construir seu próprio tabuleiro de Mancala utilizando materiais alternativos. A atividade parecia simples, mas carregava um propósito maior. Não bastava apenas jogar; era necessário criar, reinventar e estabelecer vínculos entre o conhecimento escolar e os recursos presentes em suas realidades.

A expectativa para a aula seguinte tomou conta da turma.

Quando os estudantes retornaram trazendo os tabuleiros construídos, a sala transformou-se em uma verdadeira exposição de criatividade. Cada material carregava marcas das vivências, das condições e dos olhares de quem o construiu. Houve uma dupla formada por estudantes da zona rural que confeccionou o tabuleiro utilizando um pedaço de madeira e pedras recolhidas no rio. Outros estudantes utilizaram tampinhas de refrigerante para representar as cavidades do tabuleiro; alguns escolheram grãos de feijão, enquanto outras duplas utilizaram copinhos descartáveis e grãos de milho. Também houve quem transformasse caixas de ovos em tabuleiros cuidadosamente organizados.

Nenhum tabuleiro era igual ao outro.

E talvez justamente aí residisse uma das maiores riquezas daquela experiência.

A criatividade tornou-se elemento central da atividade pedagógica. Os estudantes passaram a perceber que o conhecimento pode ser produzido a partir do que se possui, do que se vive e do que se compartilha coletivamente. Os materiais alternativos não representavam improviso; representavam pertencimento, identidade e reinvenção.

Naquele instante, o Mancala deixava de ser apenas um jogo africano estudado em sala e passava a dialogar diretamente com os territórios e as experiências dos próprios estudantes maranhenses.

Após a apresentação dos tabuleiros, iniciou-se um dos momentos mais marcantes da proposta: a competição entre as duplas. A sala, antes organizada em silêncio para as explicações teóricas, agora era preenchida por risadas, provocações amistosas, estratégias improvisadas e comemorações entusiasmadas. Enquanto jogavam, os estudantes calculavam movimentos, antecipavam possibilidades e compartilhavam aprendizagens sem perceber que estavam mobilizando conceitos matemáticos complexos.

O ambiente tornou-se leve, participativo e intensamente coletivo.

Havia Matemática nos cálculos mentais realizados durante as partidas; havia história nas narrativas sobre os povos africanos; havia arte na construção dos tabuleiros; havia sociologia nas discussões sobre cultura e pertencimento; havia sensibilidade nas relações construídas entre os estudantes.

A transdisciplinaridade emergia exatamente dessa travessia entre saberes.

O tabuleiro já não era apenas madeira, tampinhas ou caixas de ovos.

Transformava-se em ponte.

Talvez a potência da Etnomatemática resida justamente nisso: revelar que os conhecimentos matemáticos não nasceram exclusivamente nos livros didáticos ou nos discursos científicos legitimados pela tradição eurocêntrica. Eles vivem também nos jogos, nas plantações, nas feiras, nas construções populares, nos modos de contar, repartir e organizar a vida.

Ao longo da experiência, muitos estudantes demonstraram surpresa ao perceber que um jogo africano poderia envolver tantas possibilidades matemáticas. Outros manifestaram inquietação ao reconhecer que pouco haviam aprendido, ao longo da vida escolar, sobre os conhecimentos produzidos pelos povos africanos e suas contribuições para a humanidade.

Mais do que ensinar estratégias do Mancala, a experiência permitiu construir reflexões sobre identidade cultural, ancestralidade e valorização dos saberes historicamente silenciados.

Conhecer a cultura africana tornou-se parte essencial da aprendizagem.

E, de maneira muito particular, aquela experiência também atravessou a professora.

Enquanto observava os estudantes jogando, criando estratégias e apresentando tabuleiros confeccionados com materiais simples, surgiu também uma reflexão sobre o próprio fazer docente. A aula deixava de ser somente um momento de transmissão de conteúdo para tornar-se espaço de escuta, troca e aprendizagem coletiva.

Ensinar Matemática, naquele contexto, significou também aprender.

Aprender sobre as múltiplas formas de produzir conhecimento. Aprender que a criatividade pode florescer mesmo diante de recursos limitados. Aprender que a cultura possui potência pedagógica. Aprender que os estudantes carregam consigo saberes que muitas vezes não encontram espaço dentro da escola tradicional.

Em Alto Alegre do Maranhão, o Mancala abriu pequenas fissuras na rotina escolar.

Por algumas aulas, os números deixaram de ocupar apenas o quadro branco e passaram a circular entre sementes, pedras, memórias e narrativas ancestrais. Os estudantes não apenas aprenderam estratégias do jogo; aprenderam que existem outras formas de produzir conhecimento. Descobriram que a Matemática também pode nascer do movimento das mãos sobre um tabuleiro africano construído com madeira, feijão, milho, tampinhas e criatividade.

Talvez seja justamente isso que a transdisciplinaridade anuncie: a possibilidade de reconstruir pontes entre saberes que a escola, durante muito tempo, insistiu em separar.

E naquela sala, entre sementes distribuídas cuidadosamente pelas cavidades do Mancala, a Matemática encontrou novamente a vida.

O Mancala na sala de aula: entre ancestralidade, cultura e Matemática

Mancala in the classroom: between ancestry, culture and Mathematics

El Mancala en el aula: entre la ancestralidad, la cultura y las Matemáticas

Resumo

Esta crônica, intitulada “O Mancala na sala de aula: entre ancestralidade, cultura e Matemática”, apresenta uma experiência pedagógica desenvolvida com estudantes do 3º ano do Ensino Médio em Alto Alegre do Maranhão, utilizando o jogo africano Mancala como instrumento de diálogo entre cultura, História e Matemática. A proposta foi construída a partir de uma perspectiva Etnomatemática e transdisciplinar, buscando romper com práticas tradicionais de ensino e valorizar saberes ancestrais presentes nas práticas lúdicas africanas. Ao longo das aulas, o tabuleiro deixou de ser apenas um jogo, tornou-se território de narrativas, estratégias, memórias e reflexões coletivas. A experiência revelou que ensinar Matemática também pode significar ouvir histórias, reconhecer identidades e construir sentidos compartilhados.

Palavras-chave: Etnomatemática. Transdisciplinaridade. Mancala. Cultura Africana. Ensino Médio.

Abstract

This chronicle, entitled “Mancala in the classroom: between ancestry, culture, and Mathematics”, presents a pedagogical experience developed with 3rd-year high school students in Alto Alegre do Maranhão, using the African game Mancala as a tool for dialogue between culture, History, and Mathematics. The proposal was built from an Ethnomathematics and transdisciplinary perspective, seeking to break away from traditional teaching practices and value ancestral knowledge present in African playful practices. Throughout the classes, the board ceased to be just a game and became a territory of narratives, strategies, memories, and collective reflections. The experience revealed that teaching Mathematics can also mean listening to stories, recognizing identities, and building shared meanings.

Keywords: Ethnomathematics. Transdisciplinarity. Mancala. African Culture. High School.

Resumen

Este artículo, titulado “El Mancala en el aula: entre la ancestralidad, la cultura y las matemáticas”, presenta una experiencia pedagógica llevada a cabo con estudiantes del tercer año de educación secundaria en Alto Alegre do Maranhão, utilizando el juego africano Mancala como un medio para promover el diálogo entre la cultura, la historia y las matemáticas. La iniciativa se desarrolló desde una perspectiva etnomatemática y transdisciplinaria, con el propósito de superar las prácticas tradicionales de enseñanza y valorar los saberes ancestrales presentes en los juegos africanos. A lo largo de las sesiones, el tablero de Mancala trascendió su función lúdica para convertirse en un espacio de narrativas, estrategias, memorias y reflexión colectiva. La experiencia demostró que la enseñanza de las matemáticas también puede implicar escuchar historias, reconocer identidades y construir significados compartidos.

Palabras clave: Etnomatemáticas. Transdisciplinariedad. Mancala. Cultura africana. Educación secundaria.

